

Manifestações do duplo no romance *O Perfume*, de Patrick Süskind

Patricia Hofmã

Marcos Hidemi de Lima

Submetido em 30 de agosto de 2016.

Aceito para publicação em 25 de novembro de 2016.

Cadernos do IL, Porto Alegre, n.º 53, janeiro de 2017. p. 143-158

POLÍTICA DE DIREITO AUTORAL

Autores que publicam nesta revista concordam com os seguintes termos:

- (a) Os autores mantêm os direitos autorais e concedem à revista o direito de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a Creative Commons Attribution License, permitindo o compartilhamento do trabalho com reconhecimento da autoria do trabalho e publicação inicial nesta revista.
- (b) Os autores têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada nesta revista (ex.: publicar em repositório institucional ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial nesta revista.
- (c) Os autores têm permissão e são estimulados a publicar e distribuir seu trabalho online (ex.: em repositórios institucionais ou na sua página pessoal) a qualquer ponto antes ou durante o processo editorial, já que isso pode gerar alterações produtivas, bem como aumentar o impacto e a citação do trabalho publicado.
- (d) Os autores estão conscientes de que a revista não se responsabiliza pela solicitação ou pelo pagamento de direitos autorais referentes às imagens incorporadas ao artigo. A obtenção de autorização para a publicação de imagens, de autoria do próprio autor do artigo ou de terceiros, é de responsabilidade do autor. Por esta razão, para todos os artigos que contenham imagens, o autor deve ter uma autorização do uso da imagem, sem qualquer ônus financeiro para os Cadernos do IL.

POLÍTICA DE ACESSO LIVRE

Esta revista oferece acesso livre imediato ao seu conteúdo, seguindo o princípio de que disponibilizar gratuitamente o conhecimento científico ao público proporciona sua democratização.

<http://seer.ufrgs.br/cadernosdoil/index>
Quinta-feira, 19 de janeiro de 2017
15:59:59

MANIFESTAÇÕES DO *DUPLO* NO ROMANCE *O PERFUME*, DE PATRICK SÜSKIND

MANIFESTATIONS OF THE *DOUBLE* IN THE NOVEL *PERFUME*, BY PATRICK SÜSKIND

Patricia Hofmã¹
Marcos Hidemi de Lima²

RESUMO: O presente trabalho apresenta uma breve abordagem sobre a temática do duplo na literatura, tendo como objeto de pesquisa a obra *O Perfume: a história de um assassino*, do escritor alemão Patrick Süskind. A pesquisa busca identificar manifestações de um duplo na narrativa, especificamente, na personagem principal Jean-Baptiste Grenouille. Além disso, relaciona diferentes áreas do conhecimento como a Psicologia e a Literatura, apresentando teorias e conceitos do duplo criados pela primeira e demonstrando ocorrências ou exemplos da mesma temática na segunda. A partir do referencial teórico apresentado e da relação que se estabelece da obra com outros escritos literários que abordem o tema do duplo, a análise da personagem é efetuada, apontando nela possíveis causas ou origens de tal desdobramento.

PALAVRAS-CHAVE: duplo; literatura; *O perfume*; romance alemão.

ABSTRACT: The following work presents a brief approach of the Character Double or the other self occurrences in literature, having as the research object the book *Perfume: the story of a murderer*, by the German writer Patrick Süskind. The research intends to identify manifestations of the Double in the narrative, specially, in the main character Jean-Baptiste Grenouille. Furthermore, it relates different areas of knowledge such as Psychology and Literature, presenting theories and concepts of the Double created by the first area and demonstrating occurrences or examples of the same theme in the second one. The relation established between Süskind's book and other literary works is hereby carried out through theoretical references, pin-pointing possible causes or sources of this phenomenon.

KEYWORDS: Character Double; Literature; *O perfume*; German novel.

1. Introdução

Desde o início de sua espécie e durante todo o seu desenvolvimento, o homem fez grandes descobertas, aprimorou-as e presenciou ainda outras. Pode-se dizer que houve evolução em todas as ciências, porém há algo que foi e continua a ser mistério para o ser humano: o próprio homem. Ou seja, muito do que envolve o ser humano

¹ Licenciada em Letras – Português/Inglês pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná, *campus* Pato Branco. E-mail: patyhfm@hotmail.com

² Professor do Curso de Licenciatura em Letras (Português/Inglês) da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, *campus* Pato Branco, doutor pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). E-mail: marcos_hidemi@yahoo.com.br

como tema é ainda frequentemente estudado e permanece como fonte de incógnitas e pesquisas constantes.

Para tanto, ciências como a Psicologia e a Psicanálise e seus muitos estudiosos como Sigmund Freud, Jacques Lacan, Otto Rank, Gustav Carl Jung, entre outros, têm tentado encontrar respostas. Além disso, a literatura, como ciência e arte da qual praticamente todos se servem como expressão máxima dos pensamentos, estados e emoções, também dá sua parcela de contribuição. Acredita-se que ainda mais pura e verdadeiramente o faz, já que permite o exercício da liberdade de expressão e pensar. Por meio da literatura, lendo ou escrevendo, as pessoas são capazes de se reconhecer, de compreender a si mesmas e aos outros. É algo que permite ver além do alcance do olhar, promovendo, frequentemente, o questionamento e transformação da visão que se tem de tudo e de si mesmas.

Assim, obras e escritos que tratam, fundamentalmente, da essência humana são frequentes desde os tempos mais remotos da história literária. Grandes autores como Fiódor Dostoiévski, E.T.A. Hoffmann, Edgar Allan Poe, os brasileiros Machado de Assis e Guimarães Rosa, já percorreram com sua pena as tortuosas e confusas linhas da alma humana, retratando em suas obras situações ou sensações partilhadas por qualquer ser humano.

Dessa forma, o objeto a ser analisado nesta pesquisa tem por *corpus* de estudo o romance *O perfume: a história de um assassino*, do escritor alemão Patrick Süskind. É importante salientar que a edição com a qual aqui se trabalha é uma tradução, pois o texto original foi publicado, em alemão, pela primeira vez em 1985. Tal obra é representante de um gênero literário em que pode ser identificado um possível *duplo* psicanalítico, manifestado pela personagem Jean-Baptiste Grenouille.

Tal hipótese anuncia-se, pois o protagonista, durante toda a narrativa, dá indícios para que seja compreendido como um indivíduo extremamente egocêntrico e narcísico. Desse modo, pode-se aproximá-lo da figura mitológica do próprio Narciso apresentada por Junito de Souza Brandão em sua obra *Mitologia Grega* (volumes I e II). Na mesma obra, Brandão (1924) apresenta a figura de Dioniso, ou Baco para os romanos, e os mistérios que envolvem o culto a esse deus, cuja história e formas de se manifestar, curiosamente, têm muito a ver com a personagem de Grenouille e seu *duplo*. Ainda a partir do comportamento apresentado por Grenouille é possível também atentar para a hipótese levantada por Rank, do surgimento de um *duplo* como mecanismo inibidor do medo da morte.

Partindo de tais pressupostos e possibilidades de interpretação do comportamento da personagem, questiona-se se essas atitudes caracterizam a manifestação de um *duplo*. Sendo assim, baseando-se no referencial teórico, estabelecendo relações entre a teoria e a obra em si, far-se-á uma breve análise do romance de Süskind. Para o estudo dessa narrativa, são utilizados alguns trechos do romance, que servem como base concreta para estabelecer pontes com as diversas teorias apresentadas e com outras obras e até mesmo mitos literários. A partir daí, esboçar-se-ão as considerações ou observações finais acerca dos resultados da pesquisa.

2. O duplo em *O Perfume*

A leitura da obra *O Perfume: a história de um assassino* (1985) desperta o leitor para vários momentos de reflexão sobre a mente e as relações humanas e suas

complexidades. Empregando uma escrita simples, entretanto profundamente poética, Süskind apresenta ao leitor a vida do pequeno Jean-Baptiste que, mais tarde, tornar-se-á *O Grande Grenouille*, um dos maiores perfumistas do mundo.

Curiosamente, a história do grande perfumista inicia-se em um dos lugares mais fétidos da Paris do século XVIII, quando se dá o nascimento do jovem protagonista. A partir daí a vida de Jean-Baptiste, passará por caminhos bastante tortuosos e sempre permeados pelos cheiros, agradáveis ou desagradáveis, carregados de boas e más lembranças. E é justamente a partir do cheiro, ou melhor, do olfato apuradíssimo de Grenouille que as coisas começam a modificar-se e a modificá-lo.

Inicialmente, Grenouille parecia uma pobre criança carente, pois logo após abrir os olhos e as narinas para o mundo, é rejeitado pela mãe, ficando a sós, entregue às maldades desse ambiente. Contudo, à medida que vai crescendo, arrebatado por uma intensa onda narcísica e por um intenso ódio por todo e qualquer humano que não ele mesmo, Grenouille transforma-se em uma pessoa amarga e incapaz de conviver entre os outros homens.

A partir de então, seu primeiro e único objetivo na vida é tornar-se um grande perfumista, o maior perfumista do mundo. O único e mais poderoso, capaz de se apoderar de qualquer fragrância e de dominar as pessoas por meio do perfume. Tal ilusão é criada no sonho, no seu próprio interior, como uma espécie de busca pela verdade sobre si mesmo. É apenas durante o sono, em seu longo período de reclusão, que duram sete anos, que Grenouille consegue ser plenamente verdadeiro e feliz. No entanto, ao descobrir que ele próprio, Jean-Baptiste, não possui cheiro, torna-se visível aos leitores o seu vazio interior, que somente será temporariamente preenchido com seu desdobramento em outro.

Segundo a tese sobre o *duplo* especular elaborada por Lacan, intitulada *Da psicose paranoica em suas relações com a personalidade* (1932), que parte do sentimento de não pertencimento ou inadequação ao mundo e à realidade, do vazio interior que impossibilita a afirmação de uma identidade, o indivíduo, muitas vezes, opta pelo caminho da duplicação ligada à transgressão, e para que consiga buscar aquilo que não tem, precisa ser outro. Esse outro se revela transgressor, no caso de Grenouille um assassino, ou seja, manifesta-se a psicopatia como resultado da busca pelo preenchimento desse vazio.

Ao utilizar as técnicas que aprendera pelos lugares onde trabalhara, Grenouille torna-se um assassino frio e calculista, cuja relação com as vítimas (todas sempre do mesmo padrão: geralmente de cabelos ruivos, olhos e pele claros, nem gordas e nem magras, as quase-mulheres, que poderiam encantar e dominar o mundo com seus puríssimos aromas) era pura e simplesmente objetual. Tal fato leva novamente a aproximá-lo da categoria psíquica do psicopata, em se levando em conta as observações de Checkley

[...] o psicopata possui uma profunda deficiência de *insight* (compreensão interna), que lhe acarreta um comprometimento grave em seu senso de avaliação da realidade. Ele é incapaz de estabelecer uma relação de empatia com outra pessoa. Esta deficiência é de difícil compreensão já que ele utiliza todas as palavras como se as compreendesse, mas ao mesmo tempo, é alheio aos seus significados mais profundos. O psicopata não responde de forma convencional às manifestações de afeto e carinho. (CHECKLEY *apud* HENRIQUES 2009, p. 291)

De acordo com outra leitura do *duplo*, amplamente explorada por Otto Rank, na obra *Don Juan et le double* (1914), o desdobramento do *eu*, a criação do *duplo* procura tornar óbvia a finitude do ser. Conforme observa Rodrigo Xavier, para Rank o *duplo* tem um poder específico:

[...] concorrer para o impedimento da morte e de si-mesmo. Segundo este autor, a crença ancestral da morte está directamente ligada à temática do DUPLO e ao desdobramento da personalidade, pois o *D.* age como mecanismo privilegiado cuja função é a de inibir a morte do sujeito por ele representado. O *D.* assume-se como um factor inibidor da morte do “eu”, e paralelamente, como um motor da sua longevidade e perenidade enquanto ser. (XAVIER, 2014, p.02)

É como se com a extração do aroma das jovens, para posterior criação do mais irresistível e poderoso perfume, Grenouille quisesse acabar com a efemeridade de sua própria vida. O perfume lhe daria a sensação de que seria eterno e, consequentemente, eternamente amado e adorado por todas as pessoas, pois estas seriam dominadas pela perfeição de tal aroma: “Queria ser o Deus onipotente do aroma, como o fora em suas fantasias, mas agora no mundo real e sobre pessoas reais. As pessoas podem fechar os olhos à grandeza, mas não podiam escapar ao aroma.” (SÜSKIND, 1985, p.162)

Também ligado à psicopatia e à questão do *duplo*, muitos autores fazem referência ao mito grego de Narciso. “Lacan utiliza o termo ‘imaginário’ para designar o registro psíquico correspondente ao Eu do sujeito, cujo investimento libidinal é designado por Freud como narcisismo” (LOPES, 2004, p. 01). Por seu turno, Freud observa que:

[...] apesar de parecer algo estranho ou alheio, o duplo acompanha-nos desde o início, ainda na fase do desenvolvimento psíquico, funcionando como elemento capaz de mediar duas entidades que formam uma só. (FREUD *apud* LOPES, 2004, p.03)

Portanto, o *duplo* nasceria de um narcisismo primário, depois tornar-se-ia um elemento sobrenatural, pois atestaria e prenunciaria a morte do sujeito. Esse *duplo* pode se apropriar daquilo que representa. Sendo assim, deve-se entendê-lo como entidade que evolui e se renova da mesma maneira que o *eu*.

Tais marcas de narcisismo permeiam a narrativa, especialmente na parte em que, após o seu período de reclusão, quando ficou voltado apenas para si mesmo e alheio ao mundo exterior, Grenouille retorna ao mundo real, experimentando momentos de júbilo e ódio pela humanidade. É por intermédio dos pensamentos e falas de Grenouille que tais sentimentos são mais facilmente identificados: “[...] Desprezava as pessoas com todo o fervor, porque eram burras até não mais poder, porque se deixavam enganar por ele, porque não eram nada, e ele era tudo! [...]” (SÜSKIND, 1985, p. 161).

Além dos traços narcísicos desenvolvidos pela personagem é importante referir a certo transtorno de personalidade antissocial, que parece ter sido causado pela rejeição da mãe, logo após o seu nascimento. “Segundo Winnicott, quando crianças sofrem privação afetiva, manifestam-se os comportamentos antissociais no lar ou numa esfera mais ampla.” (BORDIN e OFFORD, 2000, p. 13). Durante a leitura da obra, fica claro a qualquer leitor atento que, ao ser abandonado pela mãe, mesmo que ainda bebê, Jean-Baptiste é acometido por um vazio que lhe acompanhará por um longo tempo; um vazio com o qual o protagonista terá grandes dificuldades de lidar e preencher.

A partir do conceito de *Estranho* apontado por Freud, cabe lembrar e referenciar aqui a figura de Dioniso, a quem foram consagradas as festividades que, posteriormente, resultaram no teatro grego. Dioniso é considerado um estranho em meio a *polis*; aquele que é homem e deus ao mesmo tempo, que pode perfeitamente representar a figura do *duplo* que aqui se discute.

Ser fruto da união de Zeus com a mortal Sêmele faz de Dioniso a literal representação da união do homem com Deus e é justamente aí que se encontra a peculiaridade de seus cultos. A partir das considerações de Junito de Souza Brandão, no segundo volume de *Mitologia Grega* (1987), pode-se afirmar que Dioniso é, essencialmente, o deus da transformação ou metamorfose. Em relação a essa afirmativa, existe a ratificação de Lesky (*apud* BRANDÃO, 1987, p. 130), ao comentar que “O elemento básico da religião dionisíaca é a transformação. O homem arrebatado pelo deus, transportado para seu reino por meio do êxtase, é diferente do que era no mundo cotidiano”.

Após a realização das danças ao som dos ditirambos, sob a luz do fogo, os devotos de Dioniso:

Caíam semidesfalecidos. Nesse estado acreditavam sair de si pelo processo do (ékstasis) “êxtase”. O sair de si implicava um mergulho de Dioniso em seu adorador através do (enthusiasmós), “entusiasmo”. O homem, simples mortal (ánthropos), em êxtase e entusiasmo, comungando com a imortalidade, tornava-se (anér), isto é, herói, um varão que ultrapassou o (métron), a medida de cada um. Tendo ultrapassado sua medida mortal, o anér, o herói, transforma-se em (hypócrités), aquele que responde em êxtase e entusiasmo, a saber, o ator (BRANDÃO, 1987, p. 132, grifos do autor).

É como se esse ritual aproximasse o homem de deus elevando-o a ponto de quase alcançar o mesmo estatuto divino. Fato que faz Dioniso ter sido inicialmente rejeitado ou considerado *Estranho* à *polis*, pois, seu culto feria o *ego* e despertava a ira de outros deuses e, de certa forma, ia contra um dos preceitos apolíneos de que “todas as coisas têm sua medida”. (BRANDÃO, 1987, p. 132)

Nesse ponto, faz-se conveniente que seja estabelecido mais uma vez relação entre a figura mítica grega Dioniso e a personagem de Süskind. Além de Grenouille fazer dele mesmo seu próprio deus e cultuar a si, ao fim da terceira parte da narrativa, o acontecimento extremamente peculiar que se desenrola no momento da execução de Grenouille assemelha-se em muito às descrições sobre os cultos dionisíacos.

No momento em que saía da carruagem, a caminho da execução, o cenário transforma-se: todas as pessoas que o odiavam e estavam ali para assistir a sua morte, como num passe de mágica, agora passam a amá-lo. Inicia-se então uma espécie de grande orgia, na qual todos foram tomados pelo êxtase e entusiasmo ante a aparição de Grenouille.

[...] o povo entregava-se, entrementes, cada vez mais desavergonhadamente à incrível embriaguez dos sentidos que a aparição de Grenouille desencadeara. Quem no começo, ao olhá-lo, sentira apenas compaixão e simpatia estava agora pleno de desejo nu e cru; quem primeiro admirara e desejara era levado ao êxtase. [...] A consequência foi que a planejada execução de um dos criminosos mais merecedores da abominação em sua época acabou redundando na maior bacanal que o mundo havia visto desde o segundo século antes de Cristo [...] (SÜSKIND, 1985, p. 247).

O narrador também faz referência às milhares de pessoas que continuaram deitadas na praça, “figuras bêbadas, esgotadas pelas extravagâncias da festa noturna. [...]” (SÜSKIND, 1985, p. 254), dizendo que fediam vinho, o que permite ao leitor lembrar, mais uma vez, dos rituais dionisíacos.

Ainda na última parte da narrativa, outro “milagre” acontece: Grenouille aparece, de súbito, em meio ao povo, destampa uma pequena garrafa que trazia consigo, borrifa-se com o conteúdo da garrafa e é, de repente, “imerso em beleza como num fogo irradiante” (SÜSKIND, 1985, p. 262).

No início os presentes sentiram-se temerosos, mas logo seu temor transformava-se em desejo e entusiasmo. Sentiram-se imensamente atraídos por aquele ser, “Um furioso fluxo emanava dele, maré que tudo arrastava, contra qual homem nenhum podia conter-se [...]” (SÜSKIND, 1985, p. 262).

Assim todos fizeram um círculo em torno daquela criatura, aproximaram-se mais e mais, começaram a pressioná-lo, todos queriam tocá-lo, ter uma pequena chama de seu fogo ou um pedaço seu.

Arrancaram-lhe as roupas, os cabelos, a pele do corpo, estraçalharam-no, enfiaram suas unhas e os seus dentes em sua carne, caíram sobre ele como hienas. [...] Em pouco tempo o anjo estava esquartejado em trinta partes e cada integrante da corja catou um pedaço e retirou-se, arrastado por um excitado desejo, para devorá-lo. Meia hora mais tarde, Jean-Baptiste Grenouille havia, em cada fibra, desaparecido da face da terra (SÜSKIND, 1985, p. 263).

Essa passagem retoma o deus do entusiasmo e do êxtase, da transformação, e que muitos, entre eles Eurípedes, associaram também ao fogo. Além disso, não pode ser esquecido que Dioniso era também um deus agrário, da vegetação, das forças geradoras. Nesse sentido, os sacrifícios a ele oferecidos, seguindo as antigas práticas agrárias, se consumavam por desmembramento e homofagia.

Outra consideração a ser feita é que durante uma das festas em honra a Dioniso, intitulada Antestérias, geralmente um touro era destinado ao sacrifício. Tal ato também acontecia pela prática do desmembramento violento do animal vivo e da consumição de sua carne e sangue ainda quentes. Segundo Brandão

[...] o fato de os e as Bacantes lhe beberem o sangue e lhe comerem as carnes, pelo rito da omofagia, inseparável do transe orgiástico, configurava a integração total e a comunhão com o deus. É que os animais, que se devoravam, eram a hierofania, a encarnação do próprio Dioniso [...] (BRANDÃO, 1987, p. 237).

Ainda no que se refere à possível relação da divindade grega com a personagem aqui analisada, entre os grandes escritos de Eurípedes, faz-se relevante aqui citar *As Bacantes*. A peça trata da tragédia resultante do conflito originado pelas celebrações em honra ao estrangeiro, recém-chegado a Tebas, que busca vingar a mãe e exigir reconhecimento como deus e governo da *polis*. Os cidadãos, todavia, consideram-no uma força subversiva, uma ameaça aos costumes. Atente-se aqui, porém, somente à parte em que autor discorre sobre a realização dos cultos em honra ao grandioso deus do vinho.

Os rituais em honra a Dioniso eram praticados apenas pelas mulheres gregas. As bacantes, seguidoras de Dioniso, utilizavam roupas majestosas e peles de animais, levavam sempre consigo o *tirso* e mantinham os cabelos soltos ao vento, como verdadeira expressão de liberdade. Ao longo do trajeto até o alto de alguma montanha – local onde era realizado o culto, para evitar olhares de censura ou reprovação – elas eram acompanhadas por faunos e sátiros ao som de tambores.

Durante a cerimônia feita a Dioniso, essas mulheres sofriam um grande transe, transformando-se, saindo de si. Algumas delas até mesmo matavam animais e comiam sua carne crua, o que representava o momento de êxtase do ritual. O trecho abaixo de *As bacantes* ilustra os comentários acima:

- 130 [...] Da deusa Mãe divina o chamaram a si
os Sátiros tomados de delírio,
e apropriaram-no
às danças trienais, essas com que Diônisos
se regozija.
- 135 Que prazer, nas montanhas, quando se sai das correrias
Do tíaso, cair no solo,
vestido com o traje sagrado de pele de gamo,
andar à caça do sangue do bode imolado, da delícia da omofagia,
- 140 avançando pelas montanhas frígias, lídias, com Brómio à frente!
Evoé!
Do solo correm rios de leite, rios de vinho,
rios de néctar das abelhas. [...]
o celebrante de Baco instiga-as à corrida
e às danças, sacode as transviadas
impele-as com seus gritos,
- 150 agitando nos ares a sua cabeleira macia. [...] (EURÍPEDES *apud* PEREIRA, 2009, p. 315)

Assim como nos cultos a Dioniso, a personagem de Süskind também passa por um transe no qual cultua o seu próprio deus, o grande Grenouille. É interessante ressaltar que assim como em *As Bacantes*, a adoração ao deus Grenouille começa a ser realizada quando Jean-Baptiste exila-se no alto de uma montanha, distante de qualquer olhar ou, principalmente, do odor humano.

[...] Levantava-se, o grande Grenouille interior, como um gigante, em toda a sua glória e grandeza, maravilhoso era poder contemplá-lo – era quase de se lastimar que ninguém o visse [...] – sim! Este era seu reino! O estranho e exótico reino de Grenouille! [...] (SÜSKIND, 1985, p. 132).

Outro aspecto dessa espécie de culto de Grenouille que traz à mente a peça de Eurípedes está relacionado à referência à “chuva de espírito de vinho”. (SÜSKIND, 1985, p.133).

A narração de um dos primeiros sonhos de Grenouille, quando este se torna um veloz jardineiro que sai a semear grãos de aroma por toda parte, parece clara a referência à divindade do vinho, Dioniso. Nestes sonhos, que depois se tornam frequentes, Grenouille passa por uma espécie de transe e transforma-se no que quiser. Longe dos olhos de todos, assim como as bacantes, está em total liberdade e completa alegria.

É importante aqui fazer um parêntese e relembrar o conceito de sonhos explorado por Jung. Para o autor, os sonhos são a extensão do inconsciente e funcionam

como mecanismo regulador da psique. Os sonhos podem projetar as vivências, medos e desejos reprimidos do sujeito. Pode-se dizer que assim acontece com a personagem em questão. Esse mundo criado por Grenouille em seus sonhos, em que o protagonista se torna *O Grande Grenouille*, que pode mandar e dominar tudo, é que lhe permite passar, frequentemente, por uma espécie de êxtase dionisíaco, oferecendo-lhe a ilusão de que está a ingerir todos aromas e perfumes que trazem com eles recordações de tudo pelo que já passou, deixando sempre o perfume da bela jovem para o final, como a última gota a transbordar do cálice e a embriagá-lo.

Outro aspecto relevante a ser destacado sobre o culto dionisíaco é o fato de esse deus estar sempre relacionado ao êxtase e ao entusiasmo. Segundo autores como Brandão, tais estados levavam os humanos a sentirem-se mais próximos de deus Nas palavras de Santana

Entusiasmo, do grego *enthousiasmos*, é a excitação da alma quando admira excessivamente, paixão viva, arrebatamento, dedicação e exaltação criadora. Entusiasmo significa, além disso, “estar pleno de Deus”, de acordo com sua origem etimológica, a partir da palavra grega *theos*, deus. (SANTANA, 2001, p. 06).

Isto se relaciona com a personagem aqui analisada no que tange ao seu posicionamento perante deus. Segundo o narrador, o objetivo maior de Grenouille ao se afastar de tudo e ficar recluso na caverna não era sentir-se mais próximo da divindade judaico-cristã:

Sabe-se de homens que procuram a solidão: penitentes, fracassados, santos ou profetas. Retiram-se preferencialmente para desertos, onde vivem de gafanhotos e mel silvestre. Alguns vivem também em cavernas [...] Fazem isso para estar mais perto de Deus. [...] Nada disso adequava-se a Grenouille. Não tinha em mente nada parecido com “Deus”. Não se penitenciava nem esperava qualquer inspiração do alto. Só para a sua própria e única diversão é que se retraía, só para estar mais perto de si mesmo. Banhava-se em sua própria existência [...] (SÜSKIND, 1985, p. 130)

Embora, pareça estar claro aos olhos do leitor que Grenouille realmente não se importa ou não partilha de nenhuma ideia relacionada a alguma divindade superior ou à religião, e apesar da premissa indicada pelo narrador, através de uma leitura mais atenta nota-se também, presente e executado por Grenouille, a veneração a um ser supremo. Talvez não a mesma divindade de homens crentes em um ser superior que lhes enviará uma luz ou mensagem divina, mas o seu deus interior, ele mesmo, Grenouille. E é de fato uma veneração muito semelhante àquela oferecida a Dioniso. Representa, portanto, uma espécie de celebração criada pelo inconsciente de Grenouille, em que ele mesmo era a única, maior e verdadeira deidade.

Durante esse culto, Grenouille reconhece-se como um deus e, portanto, por meio do ritual busca a proximidade com esse ser superior, com o seu *eu* interior. Além disso, a celebração de Grenouille é também permeada pelo êxtase e pelo entusiasmo. Há a grande exaltação do seu outro, do seu *duplo*, que parece estar interiormente recalcado e que, assim como Dioniso, é o estranho ou estrangeiro que busca o reconhecimento.

De fato, o *duplo* da personagem de Süskind constitui-se quase como uma representação do antigo deus grego. A representação do homem e da divindade em um só. Grenouille era apenas um homem, que trabalhava em um curtume, e após descobrir

o seu incrível poder olfativo, torna-se, mesmo que em sonhos, o deus dos aromas. No fim da narrativa, no momento em que Grenouille seria executado pelas autoridades francesas pelos assassinatos que havia cometido, todo o povo que lá estava parece ter sido acometido pelo seu imenso poder. Acontece então uma grande celebração ao deus Grenouille, parecida com aquela que já acontecera na Antiga Grécia, em que as pessoas entram em estado de profundo êxtase. “[...] o povo entregava-se, entrementes, cada vez mais desavergonhadamente à incrível embriaguez dos sentidos que a aparição de Grenouille desencadeara. [...]” (SÜSKIND, 1985, p. 247).

Neste momento da narrativa parece também haver o rompimento ou a eliminação metafísica do *duplo* de Grenouille:

Sim, ele era o grande Grenouille! Agora isto se demonstrava. Ele o era, como outrora em suas fantasias narcisistas, agora ele o era na realidade. Vivia nesse momento o maior triunfo de sua vida. E esse momento se tornou terrível para ele. (SÜSKIND, 1985, p. 249).

Faz-se também digno de mencionar o fato do culto ao deus Dioniso conter algo relacionado ao medo da morte, ou melhor, à preparação para tal fim. Os ritos dionisíacos expressavam também a crença na vida e a garantia de que a morte não seria o desfecho de tudo. Segundo Santana (2011, p.06), Dioniso, mais do que Perséfone, “representa aquele que venceu a morte e, em sua ressurreição, ele simboliza a encarnação da vida, por isso tornou-se o centro da crença na imortalidade”.

Um comentário a ser aqui adicionado é que isto pode relacionar-se com a teoria da origem do *duplo* explorada por Rank, do *duplo* como inibidor do medo da morte. Pode-se relacionar isto ao fato do protagonista Grenouille, que após a sua quase-morte durante o parto, lute pela vida com todas as forças.

O grito depois do seu nascimento, o grito sob a mesa de limpar peixe, o grito com que ele se tinha feito notar e levado a mãe ao cadafalso, não fora um grito instintivo de compaixão e amor. Fora bem pesado, quase se poderia dizer um grito maduramente pensado e pesado, com que o recém-nascido se decidira contra o amor e, mesmo assim, a favor da vida. (SÜSKIND, 1985, p. 25)

De acordo com Brandão (1987, p.140), Dioniso “configura a ruptura das inibições, das repressões e dos recalques”. Além disso, é possível associá-lo ao inconsciente, ou melhor, às forças que dele emergem. “Dioniso retrataria as forças de dissolução da personalidade”, a submersão da consciência no inconsciente. Tais fatores confirmam a ligação a esse antigo mito à teoria de que o *duplo* é gerado a partir da exteriorização de algo interior ao *eu*. De certa forma, o desdobramento do *eu* em Outro representa o ato de voltar-se para dentro de si mesmo.

Quanto a isso, cabe aqui citar novamente a Psicanálise junguiana no que diz respeito ao que o autor chama de *instinto de reflexão*. Segundo a etimologia, a palavra “reflexão” significa algo como “voltar para trás”, ao passo que Jung considera reflexão não apenas um ato de pensar, mas algo que deve ser entendido como uma atitude. Uma “atitude de prudência da liberdade humana” (BRANDÃO, 1987, p. 183). Noutras palavras, a reflexão:

[...] é um ato espiritual de sentido contrário ao desenvolvimento natural; isto é, um deter-se, procurar lembrar-se do que foi visto, colocar-se em relação a

um confronto com aquilo que acaba de ser presenciado. A reflexão, por conseguinte, deve ser entendida como uma tomada de consciência.” (JUNG *apud* BRANDÃO, 1987, p.183)

Para Brandão, essa reflexão pode ser muitas vezes prejudicial ou perigosa. Como é o caso de Narciso, outra grande personalidade mitológica grega, cuja qual é impossível não lembrar em algum momento da leitura do romance de Süskind. Em um capítulo de seu segundo volume de *Mitologia Grega*, em que discorre sobre o mito de Narciso, o autor faz determinada “leitura” do mito, referenciando o analista junguiano Murray Stein, levando o leitor a olhar para a figura de Narciso sob uma perspectiva diferenciada.

Segundo essa autora, o que acontece com Narciso tem relação com o conceito de instinto de reflexão junguiano. Esse instinto seria essencialmente humano e teria uma expressão patológica, que se manifestaria sempre que ele dominasse os outros instintos citados por Jung. Isso, segundo Stein (*apud* BRANDÃO, 1987, p. 184), é justamente o que acontece com Narciso, pois “a atividade da reflexão (voltar-se para si mesmo) domina e exclui a necessidade de alimentação, de sexualidade comum, da atividade da entrada de qualquer pensamento ou impulso novos”.

Para a analista junguiana, o que Narciso ama não é pura e simplesmente sua imagem refletida nas águas do lago, mas ele ama sua reflexão ou sua *umbra*, sua alma-sombra. Narciso estaria, na verdade, apaixonado pela própria alma. Segundo o mito, Narciso ficou, por dias e dias, apenas a olhar a própria imagem refletida no lago, recusando-se a comer ou sair de lá, o que significa para Stein que além de caracterizar uma atitude de solipcismo, autocontenção, representa também uma espécie de suicídio.

Assim como Narciso que comete tal ato, também Grenouille ao ficar enclausurado na caverna durante sete anos, atendendo ao chamado de seu *instinto de reflexão*, não come ou bebe água, não toma banho, nem sequer sai à luz do sol. Ademais, ele não lembra e nem sequer pensa em algo além de si mesmo, ou melhor, daquilo que está à procura. Grenouille saía poucas vezes da caverna e, quando fazia isso, apressava-se com tudo para que não houvesse delongas em coisas “menos importantes” que o seu espetáculo diário, cujo protagonista era ninguém menos que o próprio Grenouille.

Jazia na mais solitária montanha da França, cinquenta metros abaixo da terra, como em sua própria sepultura. Jamais se sentira tão seguro na vida - nem mesmo na barriga da sua mãe. Silenciosamente, começou a chorar. Não sabia a quem agradecer por tamanha felicidade. [...] Pois era aí, na gruta, que ele realmente vivia. Isso quer dizer que ficava sentado bem mais de vinte horas por dia em completa escuridão e completo silêncio e completa imobilidade sobre a manta de cavalo no fim da galeria rochosa, recostado contra o entulho, os ombros presos entre os rochedos, e bastava-se a si mesmo. (SÜSKIND, 1985, p. 129).

Além de esquecer o cuidado consigo mesmo, outra prova de que Grenouille também era apaixonado pela própria alma é que, para ele, sua alma era a coisa mais preciosa e mais linda que possuía, aliás, que o mundo inteiro dispunha. E, muitas vezes, questionava-se se o mundo, os outros homens, mereciam conhecer uma coisa tão bela.

Além disso, o fato de amar sua própria alma e bastar a si mesmo fê-lo, desde o nascimento, odiar os homens. De todas as pessoas com quem conviveu desde então, nenhuma conseguiu despertar-lhe o menor resquício de sensibilidade ou amor.

Aproximava-se das pessoas apenas por interesse, como no caso do *meister* Baldini. Também não demonstrava sentir nenhum desejo sexual, nem mesmo expressava qualquer espécie de arrependimento ou pena das vítimas que assassinava para extrair os aromas. Tais posicionamentos e atitudes da personagem confirmam a relação com a personalidade grega e com a teoria de Jung a respeito da reflexão.

À semelhança de Narciso, Grenouille entra nesse estado de introspecção, alienando-se do mundo a sua volta – mundo que naquele momento encontrava-se em grande colapso causado pelo desencadeamento de uma grande guerra – na busca incessante pelo verdadeiro *eu*, por aquilo que acreditava estar apaixonado. Pode-se dizer também que ambos perderam-se ao se encontrar com seu verdadeiro *eu*. No momento em que conheceram ou tomaram consciência do objeto de seu amor, arruinaram-se. Narciso desaparece, transformando-se numa flor e Grenouille é envolvido por uma intensa névoa, que tentava afogá-lo. Essa névoa, como já foi dito representava a sua “falta” de cheiro. E quando Grenouille depara-se com isto – mesmo que em sonhos – fica extremamente decepcionado, destruindo todo o mundo que havia criado para si. Grenouille parece perder-se, por descobrir que não sabia ainda quem era de fato.

[...] ele gritou tanto, com tão terrível força, como se estivesse sendo queimado vivo. O grito destruiu as paredes do salão púrpura [...], partiu do coração e passou além das covas e pantanais e desertos, percorreu a paisagem noturna de sua alma como uma tempestade de fogo. [...] Ao acordar, ficou se debatendo como se tivesse de afugentar a invisível névoa que queria sufocá-lo. Estava mortalmente assustado, tremia-lhe o corpo todo de pura angústia. Se o grito não tivesse rasgado a névoa, ele teria se afogado em si mesmo – atroz morte. [...] (SÜSKIND, 1985, p. 141).

Aproveitando a ponte estabelecida com o mito de Narciso, deve ser destacado aqui outro aspecto relevante que pode ser relacionado à obra de Süskind. No volume já citado de Junito de Souza Brandão, ainda à luz das interpretações de Stein, há a referência à flor de narciso e sua mística. Atente-se, nesse ponto, para a associação da flor como elemento fonte de narcose, pois segundo Brandão, foi o perfume entorpecente do narciso que arrastou Perséfone para as trevas, ou melhor, para o casamento forçado com Plutão.

Para reflexão, o autor apresenta o *Hino Homérico a Deméter*, que descreve os efeitos da flor:

A flor brilhava intensa e maravilhosamente, e provocava admiração
De quantos, então, a viram: deuses imortais e homens mortais.
De sua raiz brotou um caule de cem cabeças
E das múltiplas corolas exalava um perfume que jazia sorrir [...]
(BRANDÃO, 1987, p. 181).

Ao ler o trecho acima, é quase inevitável não lembrar a narrativa de Süskind, precisamente, do episódio em que Grenouille está prestes a ser executado e, de repente, como que por milagre, todos olham-no com ternura e profunda admiração, julgando-o o ser mais lindo e cheiroso que já haviam visto. Assim como a flor (narciso) também Grenouille entorpecera aquelas pessoas que aguardavam sua execução, fazendo-as prostrarem-se diante dele e adorá-lo.

Há várias interpretações do mito de Narciso e, entre elas, está a reflexão neoplatônica que o vê como “mito do equivalente a queda da alma na matéria” (BRANDÃO, 1987, p.186). Em conformidade com essa visão, compreende-se Narciso como uma vítima da ilusão de que a imagem e a sombra são a única realidade. A seguir por essa linha de raciocínio, o espelho configura-se como um elemento extremamente importante.

Segundo Manuel Antônio de Castro (*apud* BRANDÃO, 1987, p. 186, grifos do autor), mencionado na mesma obra de Junito Brandão anteriormente citada, quando se pega num espelho e percebe-se a captação da imagem de uma pessoa, é provável supor que corresponde àquilo que alguém é, mas “a imagem não é o que somos: ela é, sendo outra que não nós (...) O que é espelho? É o lugar *a partir do qual*, especulando, colhemos o que *somos e não somos*.”. A partir daí, relaciona-se muito a alma com a matéria, ou seja, a alma vê o seu reflexo na matéria e apaixona-se por si mesma. Ao tentar alcançar o objeto da matéria, imerge nessa matéria tornando-se prisioneira do corpo. Portanto, o espelho estimula na alma um desejo pelo corpo. Relacionando tal teoria a obra aqui em questão, é conveniente trazer à tona o momento em que Grenouille vê-se, pela primeira vez, no espelho.

Após ter estado enclausurado na caverna por sete anos, Grenouille decide mudar sua vida e volta para a cidade, para o convívio da sociedade. Encontrava-se em estado totalmente deplorável, dado que esteve por sete anos em uma caverna, com as mesmas roupas, com mínimas possibilidades de alimentação ou higiene. Estava, na verdade, com uma aparência que já não era humana, mas próxima a de um animal.

Na cidade, havia certo marquês que vira em Grenouille uma possibilidade para sua ciência e decidiu salvá-lo. A teoria de estudos do Marquês de la Taillade-Espinasse era de que a vida somente poderia se desenvolver longe da superfície terrestre, pois o solo produziria constantemente um gás letal ou destrutivo à vida. Grenouille caiu como prato cheio em suas mãos, pois havia passado muito tempo totalmente cercado por terra na caverna. O marquês iniciou assim as experiências e tratamentos para a recuperação de Grenouille – o que durou cinco dias. Ao fim do último dia, o marquês pediu a seus empregados que lhe cortassem as unhas e os cabelos, barbeassem-no e pusessem-lhe uma roupa decente. Feito isto, Grenouille teve então novamente um encontro consigo mesmo.

Dessa vez, porém, era diferente. O que via ali refletido no espelho era o que acreditava ser. Presumindo ser outra pessoa o que enxergava diante de si, ele e o cavalheiro de fina roupagem azul olharam-se fixamente por alguns instantes. Grenouille deixou o ar entrar lentamente por suas narinas, bem como todos os cheiros a seu redor: o tecido de seda, o cheiro de couro dos sapatos e o aroma de sabonete proveniente do banho recém-tomado. Sentia-se um ser humano normal.

A figura que lhe encarava do espelho, pareceu abrir um pequeno sorriso simpático. Grenouille também achou que

[...] o *monsieur* no espelho, essa figura disfarçada de gente, mascarada, sem cheiro, não deixava de ter um certo quê; ao menos lhe pareceu que era como ela pudesse – bastando apenas que se aperfeiçoasse a sua máscara – produzir certo efeito no mundo externo, como ele Grenouille, jamais teria creditado a si mesmo. Curvou-se em saudação diante da figura e percebeu que, enquanto de novo se curvava, ela inflava as narinas farejando... (SÜSKIND, 1985, p. 153).

Assim, muitas vezes o *duplo* pode ser entendido como uma extensão ou sombra que perturba o *eu* original. Entretanto, a partir do momento em que é gerado, o *duplo* ganha autonomia e dota-se de outra essência diferente da primária. De acordo com Cunha (2010)

Na problemática do *DUPLO*, é frequente o desvanecimento entre os limites do Real e do fantástico. Assim, não é de estranhar que algo que até aí havíamos considerado como imaginário nos surja como real, ou que o *DUPLO* que representa e simboliza, se aproprie das totais competências e funções do “eu” de que é representação ou símbolo. (CUNHA *apud* CEIA, 2010).

Por esse fato, nos textos literários, o *duplo* é frequentemente associado às sombras, espelhos ou figuras assustadoras que se materializam e perseguem o indivíduo. Há uma espécie de duelo entre o *eu* e o Outro, na tentativa de eliminar o *duplo* perseguidor.

3. Conclusão

Através do referencial teórico utilizado na pesquisa foi possível levantar algumas hipóteses sobre prováveis manifestações de um *duplo* no romance *O perfume*, de Patrick Süskind, além de relacionar essa narrativa comparativamente a outras obras que apresentam temática igual ou semelhante. Nos próximos parágrafos são apresentadas algumas observações relacionadas ao *duplo* empregadas para efetuar-se a análise do romance supracitado. Além disso, não se pode excluir do romance de Süskind a evidente relação intertextual com outras obras literárias e com figuras da mitologia grega.

A começar pela tentativa de definição do conceito de *duplo*, Freud associa tal fenômeno com o que certa vez foi por ele chamado de *Unheimlich*, traduzido como *Estranho*. Para ele, o *duplo* é algo familiar e secreto, mas que após um momento de repressão pode vir à tona e tornar-se estranho ao sujeito, tornando-se uma entidade persecutória e desencadeadora de medo. De acordo com essa teoria, o *duplo* surge quando o indivíduo adulto retorna a fase do narcisismo primário e os conteúdos recalçados na infância são revelados.

Para Rank, o *duplo* funciona como uma espécie de mecanismo inibidor do medo da morte presente principalmente em indivíduos narcísicos, que por amarem-se tanto e pelo horror ante a perda de si mesmos, acabam por desenvolver outra entidade, na tentativa de duplicar seu ser. Ao observar e analisar a personagem de Süskind a partir de tais premissas, é possível identificar em Grenouille traços e comportamentos acentuadamente narcísicos, bem como, o *duplo* como ser adorado e imortal, mas que em alguns momentos também causava horror e estranhamento ao sujeito.

Além das teorias psicanalíticas, buscou-se também suporte em outros textos literários que já trataram da temática da duplicidade do sujeito. Sustentando-se, principalmente, na obra de Rank *O Duplo: um estudo psicanalítico*, em que o autor apresenta várias ocorrências do *duplo* na literatura em obras que já trataram da questão, foi possível estabelecer diálogos intertextuais e até mesmo observações de cunho comparativo entre as obras apresentadas pelo psicanalista e a obra de Süskind aqui

analisada, o que permitiu compreender e perceber o modo como o tema é tratado em obras literárias.

Observou-se que frequentemente aliada à temática do *duplo* está a questão da identidade do indivíduo que se desdobra. Em muitas obras, bem como naquela aqui analisada, é comum perceber através de uma leitura mais atenta que as personagens que sofrem com o distúrbio do desdobramento de personalidade apresentam certa dificuldade em afirmar sua identidade. As narrativas são comumente permeadas por reflexões interiores e devaneios em que as personagens se questionam sobre quem são ou tem dificuldades de reconhecer a si mesmo diante de espelhos, apresentando certa crise identitária. Além disso, algumas das personagens, por vezes apresentam comportamentos agressivos, alheios e indiferentes a sentimentos ou às outras pessoas, o que para vários estudiosos sobre o tema apresenta-se também como característica do desdobramento de um *duplo*.

Aliado à teoria de Freud sobre o *Estranho*, à teoria de Rank sobre indivíduos narcísicos que se desdobram na ilusão da imortalidade e alguns pontos da Psicologia analítica de Jung apresentadas, tornou-se possível estabelecer relações comparativas entre a obra de Süskind e a mitologia grega apresentada por Junito de Souza Brandão, no que diz respeito ao mito de Narciso, ao deus Dioniso (Baco entre os romanos) e às celebrações realizadas em sua homenagem.

Embora não seja possível afirmar qualquer influência da mitologia grega na narrativa de Patrick Süskind utilizada aqui como objeto de análise, ao comparar tais figuras mitológicas com a personagem Grenouille, verifica-se inúmeras semelhanças no que tange a sua condição e comportamento, bem como os rituais interiores executados por Grenouille, que em muito se parecem com aqueles celebrados pelas bacantes em honra a Dioniso.

A despeito de sua condição de divindade, Dioniso é considerado estrangeiro à *polis*. Isso não impede que ele seja divinizado e em seguida loucamente idolatrado. Análoga situação ocorre com Grenouille, sobretudo pelo êxtase causado por ele nas pessoas presentes à sua execução, revelando-se como deus do aroma, da mesma maneira que acontecia nos rituais de exaltação a Dioniso. Assim como Narciso, Grenouille amava-se inexoravelmente e seu *duplo*, assim como Dioniso, era um estrangeiro ou estranho, mas era um grande deus. O grande deus dos aromas, capaz de extasiar e conquistar a todos.

No caso de Grenouille, mesmo que, inicialmente, sinta-se fraco e ignorado por todos como um pequeno carrapato, o desdobramento desse frágil indivíduo resultará num frio assassino, dominado pelos sentimentos de ódio e desprezo. Qual será a relação desse segundo indivíduo, que resulta da bipartição de Grenouille, com o seu verdadeiro *eu*? Seria este *duplo* resultado de algo que estava interiormente recalcado e foi revelado? Ou um mecanismo inibidor do medo da morte, resultante de uma personalidade narcísica?

A partir da fundamentação teórica explorada durante o texto, foram constatados indícios dos vários elementos e traços apontados por várias teorias que envolvem o *duplo* na narrativa de Süskind analisada por esta pesquisa. A começar por alguns elementos como espelho ou sonhos, referenciados em muitas teorias sobre o *duplo*, que parecem influir sobre a personalidade de Jean-Baptiste. Para tal constatação, foram apresentados, além das teorias propriamente ditas, vários exemplos literários em que tais elementos estão ligados ao desenvolvimento de um *duplo*, e vários trechos da obra em questão que colocam em evidência a presença desses elementos.

Com relação aos traços narcísicos apontados por alguns teóricos, muitos trechos da obra apresentaram alguns claramente presentes na personagem de Süskind. Também foram apresentados alguns argumentos que indicariam que o *duplo* desenvolvido por Grenouille funcionaria como um mecanismo inibidor da morte, tomando como base a teoria de Rank. A personagem não queria jamais ser esquecida e por intermédio da extração de aromas de suas vítimas seria amado e lembrado por todos, como que acabando com a efemeridade de sua existência.

Em suma, mesmo que aparentemente não tenha sido possível apontar ou definir claramente a origem ou categoria de *duplo* presente na obra, podem ser constatadas muitas e amplas evidências de manifestações da ocorrência de tal desdobramento na personagem de Jean-Baptiste, fazendo que o romance de Süskind possa ser incluído ou agrupado ao montante de textos que também abordem essa temática.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Junito de S. **Mitologia Grega**. Petrópolis: Vozes, 1987, v. 2.

CANDIDO, Antonio. A literatura e a formação do homem. Conferência pronunciada na XXIV reunião anual da SBPC (São Paulo, julho de 1972). **Revista Ciência e Cultura**, nº 09, vol. 24, São Paulo, set. 1972.

BREPOHL, Daniel D. **As psicoses na obra de Freud à luz da categoria do estranho**. 2012. 114 f. Dissertação (Pós-Graduação em Psicologia). Universidade Federal do Paraná. Biblioteca de Ciências Humanas e Educação – UFPR: Curitiba, 2012. Disponível em: < <http://www.humanas.ufpr.br> > Acesso em: 17 jun. 2015.

CUNHA, Carla. Duplo. In _____ CEIA, Carlos (Org.). **E-Dicionário de Termos Literários (EDTL)**. 2010. Disponível em: <<http://www.edtl.com.pt>>. Acesso em 24 ago. 2015.

FREUD, Sigmund. **Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos**. Obras completas (1914 – 1916) (Trad.) Paulo César de Souza. São Paulo: Schwarcz Ltda, 2011, v. 12.

HENRIQUES, Rogério P. De H. Checkley ao DSM-IV-TR: a evolução do conceito de psicopatia rumo à medicalização da delinquência. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, São Paulo, v. 12, n. 2, p. 285-302, junho 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1415-47142009000200004&script=sci_arttext> Acesso em: 07 nov. 2014.

LACAN, Jacques. **Da psicose paranoica em suas relações com a personalidade** (1932). Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.

LOPES, Ana Maria C. S. **Sobre o duplo especular: interferências do imaginário nos primórdios da elaboração lacaniana da paranoia**. 2004. 07 f. Projeto de trabalho (Curso de Pós-Graduação) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais, 2004. Disponível em <<http://ebp.org.br/biblioteca/busca/resultado/?tipo=autor&busca=Lopes>> Acesso em: 23 mar. 2015.

MARCONDES, Kathy A. Introdução à Psicologia analítica de Carl Gustav Jung. **VI Congresso Brasileiro de Arte-terapia**, Vitória, ES, 3-06 set. 2004. Disponível em: <<http://www.portas.ufes.br/content/artigos-online-0>>. Acesso em: 23 jul. 2015.

PEREIRA, Maria Helena da Rocha (Org.). **Hélade: Antologia da Cultura Grega**. 10 ed. Lisboa: Guimarães Editores, S. A., 2009.

RANK, Otto. **O Duplo**: um estudo psicanalítico. Organização de Ana Maria Lisboa de Mello e Sissa Jacoby. Porto Alegre: Dublinense, 2013.

SANTANA, Monica H. W. Viver Dioniso: uma experiência arquetípica. **Instituto Junguiano do Brasil**, Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: <http://www.jung-rj.com.br/revista/>. Acesso em: 28 ago. 2015.

SÜSKIND, Patrick. **O perfume**: a história de um assassino. Tradução de Flávio R. Kothe. 6. Ed. Rio de Janeiro: Record, 1985.

XAVIER, Rodrigo. **Notas de aula**. Pato Branco: UTFPR, 2014.